

## Teatro

640  
"Bertoldo a Corte"

O espetáculo inaugural da temporada do "Teatro Stabile della Città di Torino", realizado anteontem no Municipal, confirmou a expectativa que a escolha do repertório havia criado em torno da companhia. Trata-se de um conjunto a par das mais decentes tendências do teatro eu-

ropeu, um conjunto que, sem dever nada a ninguém, no sentido de se inspirar diretamente em soluções alheias, nada ignora a respeito de homens como Bertolt Brecht e Jean Vilar, ou de companhias como o "Piccolo Teatro" de Milão, todos eles interessados no mesmo fim, ou seja, reavivar o exangue teatro contemporâneo injetando-lhe nas veias uma boa dose de sangue popular.

Não temos certeza, todavia, de que o original de Massimo Dursi esteja bem ao nível dos recursos da companhia. Trazer Bertoldo, que é uma figura tão viva no populario italiano como "Pedro Malazarres" o é no nosso, para a Côte, não é fácil. Mas difícil ainda é encerrá-lo num palco, dado o caráter necessariamente fragmentário e anedótico de suas aventuras. Não saberíamos dizer até que ponto "Bertoldo a Corte" é fiel ao original, ou aos vários originais, tarefa de erudição que cedemos prazerosamente aos críticos italianos. O que nos surpreende, nesta primeira tomada de contacto, é a sua quase passividade. Bertoldo por assim dizer não age por conta própria; reage a provocações, a situações propostas por outros. A iniciativa do combate pertence sempre ao inimigo, não havendo, de sua parte, aquela alegria maligna de enganar, aquele comprazimento com o mal-fazer, tão pitoresco e tão típico de alguns seus primos-irmãos.

A peça, aliás, tende para a descrença a respeito dos homens, para o pessimismo, ao contrário de tantas historietas picarescas medievais que conseguem fazer com que o herói passe relativamente incolume (incolume por dentro, bem entendido) por todas as vicissitudes humanas, por todos os escolhos possíveis e imagináveis. Esta melancolia de "Bertoldo a Corte", se não nos enganamos, é essencialmente nossa, moderna. As épocas anteriores encaravam a guerra, a fome, a injustiça social, como fatos, coisas naturais, posto que existiam com tanta frequência. Nós é que não sabemos nos resignar, com a fé ingenua de antigamente nos recursos naturais do homem para se safar, apesar de tudo.

Falta a Massimo Dursi, para que acreditemos totalmente no seu protagonista, um ímpeto criador mais vigoroso, uma verve menos cultivada e mais espontaneamente popular. A sua imaginação nunca escapa ao controle da inteligência, a sua frase é medida, a sua graça antes irônica, subentendida, do que franca e aberta. Esta contenção interior, mesmo quando procura o grotesco, juntamente com o cuidado de ressaltar sempre a significação moral de cada figura e cada episódio, impedem que a peça se comunique à platéia de forma tão imediata como seria desejável.

Tanto a encenação de Gianfranco de Bosio como o desempenho do Teatro Estavel de Turim pareceram-nos excelentes. Poderíamos desejar, talvez, que a representação se inclinasse ainda mais para a improvisação mímica, quanto ao jogo dos atores, já que foi essa a orientação adotada em princípio. Os cenários de Luciano Damiani supõem que a peça está sendo apresentada por um grupo de comicos populares num celeiro vazio, com o auxílio apenas de plataformas e cortinas. Combinam-se assim a sugestão histórica e a simplicidade cênica com uma certa suntuosidade, necessária para não deixar o palco pobre e vazio. Os melhores momentos do espetáculo — e da peça — encontram-se no segundo ato, sobretudo a cena final, quando os cortesãos transformam-se nos espectros humanos, vazios de conteúdo, que realmente são. É uma bela idéia, realizada com grande perfeição plástica e dramática.

Os objetivos de "Bertoldo a Corte" — sociais e estéticos — são dos mais simpáticos. Não esconderemos, no entanto, que este gênero de espetáculo parece-nos esconder um perigo. O teatro medieval e renascentista era popular sem o saber. Se tentamos repetir a fórmula com os nossos recursos modernos, alguma coisa de essencial possivelmente nos escapará: uma ingenuidade que não decorra de uma longa elaboração mental. Talvez este teatro seja, afinal de contas, o menos popular de todos, porque nascido de um projeto erudito e não de uma necessidade real e premente de comunicação artística. Talvez acabe ele por ser exatamente aquilo que tanto deseja evitar: mais uma moda literária, mais uma concepção altamente estetizante do teatro.